

RELAÇÕES AFETIVAS, APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA!

AFFECTIVE RELATIONSHIPS, MEANINGFUL LEARNING!

Diego Santana de Freitas¹

RESUMO: O presente artigo objetiva discutir e refletir sobre as relações afetivas entre docente(s) e discente(s), tendo como base as perspectivas de Freire e Maturana, relacionando-as com as experiências de alunos que participam do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) em uma escola de Ensino Fundamental no município de Ivoti. Essas discussões e reflexões serão abordadas a partir de questões relacionadas às relações interpessoais entre professor/es e aluno/s; como suas emoções interferem no desenvolvimento de aprendizagem dos educandos. Partindo do pressuposto de que o jeito de ensinar interfere na forma de aprender, é feita também uma análise sobre a importância da dialogicidade, sensibilidade e respeito; tolerância e intolerância na arte de educar, a fim de discutir a importância de uma educação afetiva para o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Palavras-chave: Afetividade. Dialogicidade. Tolerância. Aprendizagem significativa.

ABSTRACT: The present article aims to discuss and reflect upon the affective relationships between teachers and students from the perspective of Freire and Maturana, relating them to the experiences of students participating in the Institutional Program of Scholarships for Teaching Initiation (PIBID) in a primary school in the town of Ivoti. These discussions and reflections will be approached through questions involving interpersonal relationships between teachers and students and how their emotions influence the students' learning development. Based on the assumption that how one teaches influences how one learns, the importance of dialogue, sensitivity and respect, tolerance and intolerance in the art of education is also analyzed, in order to discuss the importance of an affective education for the student's cognitive development.

Keywords: Affectivity. Dialoguing. Tolerance. Intolerance. Meaningful learning.

1 INTRODUÇÃO

Durante o ano de 2014, uma escola da rede estadual do município de Ivoti recebeu alunos que fazem parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID). Esse projeto tem como um de seus objetivos promover a inserção dos estudantes das Licenciaturas no contexto das escolas públicas brasileiras desde o início da sua formação acadêmica, no intuito de que eles desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um professor da instituição. A partir das experiências em sala de aula, foi incentivada a escrita deste artigo, que objetiva observar e refletir acerca da boa relação interpessoal entre professores e alunos essa é uma forma de ampliar e estabilizar a interação e o contato entre esses indivíduos, porém nessa prática educati-

va se faz necessário que haja a reciprocidade do ato de “querer bem”, pois, quando estabelecemos o “compromisso” de uma educação afetuosa com os alunos, estamos selando uma prática educativa mais humana. Assim tanto o aluno como o professor conseguiram estabelecer uma relação respeitosa e significativa, fazendo-se também necessário o autocontrole para que não permitamos que as emoções influenciem a tomada de decisões e a autoridade do professor em sala de aula.

Para que essa educação afetiva seja consolidada, buscando um melhor desempenho do aluno, tanto nas questões comportamentais como nas questões cognitivas, essa prática educativa exige também outros dispositivos para que seja executada de forma eficaz. A dialogicidade, um dos temas a ser abordado neste artigo. Ele

¹ Graduando em Licenciatura em Letras – Português e Alemão pelo Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI).

é um dos três requisitos para que seja desenvolvida uma educação afetiva. Quando nos disponibilizamos ao diálogo, estamos nos tornando sensíveis para escutar o educando. Só escutando o outro que aprendemos, verdadeiramente, a falar com ele, tentando encontrar soluções para aquilo que não está sendo produtivo na aula, buscando novas maneiras de interagir com a turma e sabendo receber suas críticas. Dessa forma, estaremos contribuindo para que ele também nos escute não só como um professor, mas como alguém que se preocupa e se importa com o seu progresso enquanto aluno.

A tolerância é outro ponto a ser destacado. Sabemos que, na fase da adolescência, os fatores biológicos alteram bastante o humor dos alunos; para que haja uma boa relação, temos que ser flexíveis, entretanto não podemos deixar a nossa autoridade de lado, para que os mesmos tenham resultados significativos no seu processo de aprendizagem. A tolerância e o bom senso são dispositivos que têm que sempre estar acionados para que obtenhamos êxito na prática educativa.

2 ENSINAR EXIGE RELAÇÕES AFETIVAS

Mediante observações e experiências práticas em turmas de 6º e 7º anos, pude observar as relações dos outros professores e eu com os alunos, assim como o nosso desempenho na realização de atividades e no desenvolvimento da aprendizagem. Essas observações desencadearam o conteúdo que será abordado na seguinte reflexão a respeito das relações interpessoais entre professores e alunos e como esse relacionamento pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo da criança.

A partir dessa aula, tive a oportunidade de observar que esses alunos que fazem parte do PIBID são como árvores frutíferas; quem planta sabe que o seu crescimento e maturação requerem tempo, paciência e persistência. No primeiro momento, ao ser plantada, o jardineiro necessita de um lugar fértil, adubá-la e regá-la constantemente. Essas são ações fundamentais para que essa árvore cresça forte e saudável. Algumas crescem mais rápidas do que outras; no entanto, é preciso que o jardineiro seja paciente, pois seu desenvolvimento depende do estímulo que receberem e do ambiente onde se localizam.

Observa-se que a falta de sensibilidade e afetividade, de modo geral, é uma das principais carências dos alunos. Essa carência interfere significativamente no seu desenvolvimento da aprendizagem e na relação interpessoal entre docentes e discentes. Em uma escola estadual do município de Ivoti, com alunos de 6º e 7º anos,

as atividades em sala de aula tinham grandes dificuldades de ser desenvolvidas. A turma era agitada e barulhenta e impedia o andamento das aulas. Dessa maneira, eu tive que buscar soluções para resolver essa situação. O diálogo, a afetividade e a sensibilidade foram as alternativas encontradas para que eu pudesse compreendê-los e interferir de forma sensível no que não estava contribuindo para o andamento da aula. Assim como os adultos, as crianças também têm seus problemas e preocupações, e através do diálogo os educandos podem extravasar suas emoções.

Quando o professor intervém de forma afetiva, podemos perceber, com clareza, que há ampliação da relação de convivência entre professor e alunos, além da estabilização da relação entre os mesmos. Entretanto, quando esta intervenção oriunda da agressão gera uma interferência negativa e rompimentos em laços da convivência (MATURANA, 1998, p. 22).

Wachs (1998, p. 87) afirma: “A intercomunicação amorosa não se efetua se não há retribuição do amor”. Ou seja: “as intercomunicações amorosas”, que interpretamos como relação afetiva entre docentes e discentes, tem que ser recíproca. O aluno tem que confiar no professor e enxergá-lo como um amigo, assim como o professor deve acreditar e confiar no potencial do educando. Quando não há a reciprocidade da afetividade na relação interpessoal entre professores e alunos, o ato de educar é abalado, não haverá o respeito e reconhecimento por parte das crianças. É nesse momento que o professor deve buscar novas formas de intervenção, o diálogo tem que ser constante, saber ouvir as críticas e interjeições dos alunos é fundamental para que se chegue a um consenso e também para que o respeito comece a ser construído, pois, quando não há dialogicidade, o professor é interpretado, pelo aluno, como um “ditador”, que apenas dá ordem e não está preparado para escutá-los.

Eu pude perceber em uma das aulas que, quando trago temas que fazem parte do contexto social dos alunos, há uma enorme interação entre eles, é notório o prazer em compartilhar aquilo que eles dominam, trazem sempre pontos e discussões significativas que enriquecem a aula. Aulas como essas ocorrem quando o professor consegue estabilizar uma boa relação com os seus alunos, pois, quando o professor estabelece um laço significativo, ele começa a enxergar os educandos com outros olhos e identificar aquilo que será significativo na sua aprendizagem. Quando utilizamos recursos que introduzem o aluno no conteúdo a ser aprendido, fazendo ligações com sua realidade, podemos perceber

uma maior motivação e disposição para aprender, como aconteceu nessa aula.

Quando os alunos estão muito agitados, tornando impossível qualquer forma de intervenção e repressão dessa atitude, eu procuro, primeiramente, conversar com eles, um diálogo mais aberto, de uma forma que os alunos compreendam que tais atitudes só os prejudicam. Essa maneira de dialogar serve para que eles percebam que a repreensão daquilo que está errado é um ato de quem “quer bem”.

O ato de “querer bem” aos educandos, conforme Freire (2013, p. 138), é a própria prática educativa, pois, quando essa afetividade é expressa em minhas ações, é selado o meu compromisso com os educandos numa prática de uma educação mais humana.

Através da afetividade, por mais que o discente não seja interessado pela proposta de aula do professor, ele tentará responder todos os questionamentos e realizar todas as atividades propostas, porque, mesmo que o tema venha a ser entediante, os laços de suas relações sobressaíram, fazendo com que os alunos contribuam para a aula de forma significativa, somente pelo apreço e respeito que ele tem pelo professor. Mas caso o professor não tenha uma boa relação com os alunos, tais não realizarão as atividades propostas, conversarão em sala de aula, desrespeitarão o professor, tentarão ao máximo que os outros alunos façam o mesmo ou que não consigam prestar atenção no que o professor fala, gerando assim um ambiente hostil, cujo professor terá dificuldade de controlar e muitas vezes tendo que ser “intolerante”.

Em sala de aula, quase sempre, agimos sob influência de determinadas emoções; dentre algumas situações que nos fazem ser mais emocionais se destacam: o contexto sociocultural do aluno, as dificuldades de aprendizagem, comportamento do indivíduo em sala de aula. Partindo desse princípio de que a emoção do momento influencia nossas atitudes, observamos que muitas vezes nos posicionamos de certo modo que em outro momento não nos posicionaríamos. Maturana (1998, p. 15) afirma: “Quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção”.

Durante uma aula, eu pude avaliar tanto a minha postura como professor quanto a dos meus alunos. No decorrer dessa aula, eu explicava a atividade que seria desenvolvida posteriormente; enquanto falava, alguns alunos me interrompiam, conversando entre si. Até en-

tão não sabia o motivo da conversa, achava que era mais um assunto irrelevante, sem nenhuma relação com o tema que estava sendo trabalhado, algo comum entre esses alunos. Ao perceber que não conseguiria continuar a explicação ao mesmo tempo em que os alunos conversavam, eu alterei minha voz, pedindo silêncio e atenção para prosseguir com a aula. Ao perceber que eu estava incomodado com aquela situação, os alunos tentaram me explicar o que havia acontecido. O motivo ainda não estava claro para mim, mas os alunos discutiam sobre uma violência sofrida por uma aluna que fora agredida por outros sete alunos. Os alunos estavam muito agitados devido a esse fato que ocorrera na escola. Isso abalou significativamente o emocional deles por se tratar de uma pessoa que fazia parte do seu dia a dia. Foi necessário estabelecer um diálogo para que os alunos expusessem suas ideias e posicionamentos. Após cada um desabafar e posicionar-se, foi possível conduzir a aula normalmente, ainda que vez ou outra o assunto fosse citado novamente.

São em momentos como esse que o professor deve conciliar o seu autocontrole e o ser racional, para que atitudes tomadas por ele não interfiram no desenvolvimento tanto pessoal como cognitivo do estudante. A relação afetiva entre professor e aluno tem que ser uma maneira que auxilie o professor a solucionar problemas, porém não deve ser utilizada em benefício de nenhum educando. Tem-se que estipular limites e saber controlar essa relação, para que não haja distorção de conceitos e valores; o professor tem seu papel na sociedade e deve executá-lo com ética, seriedade, comprometimento, sensibilidade.

Nós, estudantes de língua portuguesa, temos aprendido em nossas reuniões do PIBID como desenvolver dinâmicas; atividades que chamem atenção das crianças; como estruturar bem uma aula e como trazer os alunos de volta para a aula, quando eles se desconcentram. Além de tudo isso, fortalecemos nossa capacidade de um olhar diferenciado; através de nossas reflexões das aulas podemos elencar os pontos positivos e negativos para que possamos desenvolver um trabalho ainda melhor com os nossos alunos. Esses aprendizados têm sido muito significativos para nós, pois assim podemos apresentar às crianças sempre algo novo, de uma maneira diferente; assim nós mostramos o nosso comprometimento com esses alunos, nossa preocupação e desejo que eles progridam. Essa forma sensível e afetuosa de educar resume-se em nossa forma de querer bem.

3 DIÁLOGO, RESPEITO E SENSIBILIDADE NA ARTE DE EDUCAR

Na arte de educar, o diálogo, o respeito e a sensibilidade se fazem presentes. Esses aspectos estão totalmente interligados, para que tanto o aluno como o professor progridam, pois, quando há o diálogo, é necessário que os interlocutores se façam sensíveis para entender e ouvir o outro, respeitando as diferentes ideias, concepções e valores sobre determinado assunto ou situação.

Segundo o dicionário Aurélio, o diálogo é o ato de conversação entre duas ou mais pessoas; para Freire (2013, p. 132), o professor não deve poupar oportunidade de discutir um tema, ao analisar um fato e expor suas ideias, porque o gesto da relação dialógica é confirmado com a inquietação e curiosidade. Freire ressalta ainda que, para que haja diálogo, é necessário que haja também a disponibilidade entre os locutores. O professor tem que estar disponível para responder perguntas realizadas pelos alunos; assim o professor conseguirá conquistá-los, pois a conquista dos alunos não é dada somente pela integridade e ética do professor, porém a sensibilidade e o respeito têm que ser demonstrados para que o aluno tenha confiança no educador.

Numa escola da rede municipal de Ivoti, que participa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), as experiências vividas em sala de aula agregam muitos valores aos futuros professores. Eu, certo dia, tive que agir de uma forma mais autoritária com determinado aluno. Esse estudante passou a aula inteira conversando e desvirtuando o andamento da aula, até chegar o ponto de agredir física e verbalmente outro aluno. Portanto eu precisei tomar uma atitude mais “dura”, convidei o aluno a se retirar da sala e o levei para conversar com a coordenadora. O aluno não aceitou as minhas intervenções e ficou muito revoltado. No fim da aula, a coordenadora aconselhou-me a conversar com o aluno mais intimamente para que nós escutássemos um ao outro. Na semana seguinte, isso foi feito. O diálogo estabelecido foi levado de uma forma mais afetiva e sensível; eu buscava naquele momento entender as dificuldades do aluno e quais os motivos que o levavam à sua indisciplina. Durante a conversa, pude perceber que faltava um laço afetivo em nossa relação. O estudante armazenou uma imagem negativa a meu respeito, por isso não consegui, a princípio, estabelecer uma relação afetiva comigo. O que mais me chamou atenção foi um dos comentários feitos por ele: “Eu não gosto que chamem minha atenção na frente dos outros, porque no outro dia sou motivo de piadas na sala”. Com

isso podemos afirmar que um dos grandes problemas que enfrentamos hoje é a falta de comprometimento do aluno com o trabalho do professor e atos recorrentes de *bullying* em sala de aula. Esse aluno não aceitava as minhas intervenções, não realizava as atividades em aula e ainda desconcentrava a turma. Apesar de fazer tudo isso, ele não queria que o professor interviesse.

A relação afetiva é acima de tudo uma relação de respeito. O aluno, quando se comporta de forma desrespeitosa, é necessário que sejam tomadas medidas, combinações que ajudem o professor a controlar a situação. Após conversar com aquele aluno, nós estabelecemos algumas combinações. Percebi que ele gostava muito de chamar a atenção dos outros, porém de uma forma negativa. Sabendo disso, eu propus que ele a partir daquele momento iria chamar a atenção dos outros de uma maneira positiva: tendo um comportamento exemplar, tirando boas notas, respeitando os professores e os próprios colegas de sala. E que eu não chamaria mais sua atenção na presença dos demais estudantes, e sim conversaria com ele quando ele fizesse algo inadequado para o momento.

Quando percebemos que nós, professores, estamos ficando de mãos atadas, é necessário que estabeleçamos o diálogo, a conversar dando a oportunidade ao aluno de expressar suas emoções, seus anseios e críticas. Assim o professor ouve individualmente o aluno e faz com que o aluno também ouça suas insatisfações em relação a seu comportamento. Isso foi o diferencial para a construção de uma relação afetiva entre aquele aluno e eu; após o diálogo, foi notória a transformação no seu comportamento e desempenho em sala de aula. Ele começou a realizar as atividades propostas, respeitar os colegas e professores, chamar atenção dos alunos de uma forma positiva e passou a enxergar o professor como um amigo.

Quando o professor e o aluno se dispõem ao diálogo, é necessário que ambos estejam dispostos, antes de tudo, a escutar um ao outro. É através da escuta que viabilizaremos o diálogo. Ao escutar os argumentos do outro, apropriamo-nos de suas ideias e assim temos a oportunidade de concordar ou criticá-las. Segundo Freire (2013, p. 111):

[...] Não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com ele. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que em certas condições, precise falar a ele [...] O educador que escuta aprende a difícil lição de trans-

formar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele.

Ou seja, nós só aprendemos a dialogar com o/s aluno/s quando nós o/s escutamos; quando não nos permitimos escutá-los, estaremos apenas falando ao aluno. A forma diretiva do diálogo, onde professor fala e aluno escuta, não é o melhor caminho a ser seguido, pois os alunos também têm seus problemas, dificuldades e emoções. A única diferença entre professor e aluno é que o professor conhece aquilo que o aluno, muitas vezes, ignora; portanto o mesmo não deve ser elevado a um nível superior ao dos alunos, pois, assim como o professor conhece aquilo que o aluno ignora, o aluno, através de suas experiências, âmbito social e pessoas com que convive, também pode conhecer coisas que até mesmo o professor ignora (FREIRE, 2013, p. 63). Todos nós ignoramos algo, por isso buscamos incessantemente a transcendência; para isso é necessário que estejamos disponíveis a ouvir o aluno e a dialogar com ele (FREIRE, 2013).

4 PROFESSOR SINÔNIMO DE TOLERÂNCIA E PACIÊNCIA

Segundo o dicionário Aurélio, tolerância significa a qualidade de ser tolerante, respeitando o direito que os indivíduos têm de agir, pensar e sentir de modo diferente do nosso.

A docência exige muito dos professores; nossa função é uma das mais difíceis de ser executada, pois temos a função de apresentar conteúdos aos alunos e também instruí-los, educá-los. Durante a infância e, principalmente, adolescência, é muito árduo o trabalho com esses jovens por causa de suas condições biológicas. Querem ser o centro das atenções, acham que sempre estão certos e que a opinião de mais ninguém importa, sem falar na oscilação de humor. Nós, professores, temos que sempre ter acionado nosso dispositivo da tolerância, para que obtenhamos êxito na prática educativa. Mas até que ponto devemos ser tolerantes com alunos que não são nada flexíveis? Até que ponto nossa tolerância os ajuda a alcançar os seus objetivos como alunos e os nossos como professores?

Essas são perguntas que me faço constantemente. Cada educando tem suas particularidades: alguns aprendem mais rápido do que outros; há alunos que têm habilidades mais aguçadas; outros têm acesso facilitado a determinadas matérias, que os auxiliam na sua aprendizagem; sem contar com aqueles que sofrem com uma influência negativa do seu âmbito social. Entretanto, há

momentos em que alunos aproveitam a “tolerância” do professor para não entregar trabalhos no prazo, buscando ter autoridade em sala de aula, a não realizar as atividades propostas. A partir desses exemplos podemos observar que Freire (2013, p. 60) afirma:

A vigilância do meu bom senso tem uma importância enorme na avaliação que, a todo instante, devo fazer de minha prática. [...] É o bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte.

É preciso que estejamos sempre atentos e que utilizemos o nosso “bom senso” para avaliar cada situação. Quando não compactuamos com determinadas ações dos alunos ou/e utilizamos a nossa autoridade para organizar as tarefas e a situação em sala de aula, não quer dizer que estamos sendo intolerantes ou/e autoritários, mas sim que estamos utilizando o “bom senso” para conduzir e manter, de forma eficaz, o controle sobre a turma.

Durante os períodos de aula são propostas diversas atividades. Essas nem sempre agradam os alunos, mas é uma obrigação deles realizá-las. Enquanto os alunos realizavam as atividades, eu circulava entre eles para ajudá-los caso necessário. No momento em que caminhava na sala, percebi que um dos alunos demorava a realizar as atividades. Por um momento, achei que ele estivesse pensando no que iria responder, mas no final da aula todos entregaram as atividades resolvidas, exceto ele. Na aula seguinte, ele novamente não conseguia realizar as atividades; ao aproximar-me dele, observei que ele não estava se sentindo à vontade para responder os meus questionamentos. Perguntei-lhe se ele estava com alguma dúvida em relação ao assunto; ele disse simplesmente: “Não”. Quando os demais alunos perceberam que eu perguntava ao aluno o motivo da atividade não feita, logo afirmaram: “Ele não sabe ler, professor”. A partir daquele momento precisei dar uma atenção maior àquele aluno; a paciência e tolerância estão juntas, para que haja um progresso na aprendizagem. O auxílio do professor é fundamental para que esse aluno progrida. O bom senso faz com que nós busquemos caminhos para que o aluno realize as atividades sem constrangimentos por não saber ler. Esse é um bom exemplo de tolerância e paciência. É preciso paciência para investir e auxiliar aquele aluno que não sabe ainda ler, mesmo estando no 6º ano, e tolerância para saber respeitar seu tempo de aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PIBID tem me auxiliado significativamente em minha formação como futuro professor. Através das reflexões realizadas nas aulas, pude elencar os pontos positivos e negativos para melhorar minha prática educativa em busca de uma maneira mais humana de educar. Esses aprendizados têm sido muito importantes, pois assim posso apresentar às crianças sempre algo novo, de uma maneira diferente. Dessa maneira, traduzo meu comprometimento e minha forma de querer bem, minha preocupação e desejo que eles progridam numa forma sensível e afetuosa de educar.

Através dessas reflexões pude observar que a afetividade na forma de ensino é de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo do aluno. Os laços criados entre professor e aluno geram um ambiente agradável para a construção do conhecimento. Mas é importante frisar que ambos têm que respeitar sua posição no espaço educacional; o professor tem que manter-se como um ser íntegro e ético, realizando o seu ofício de forma exemplar, não confundindo o ato da docência com a convivência.

As relações afetivas estabelecidas entre meus alunos e eu ampliaram nossa relação interpessoal; isso fez com que criássemos também uma relação respeitosa, sen-

sível, disponibilizando-nos ao diálogo e a escutar um ao outro. Esses dispositivos – afetividade, dialogicidade, sensibilidade, respeito e tolerância – são fundamentais para o progresso e o desenvolvimento da aprendizagem do aluno e da boa relação interpessoal entre esses dois sujeitos. Esse é o ponto inicial para uma aprendizagem significativa. Pois, quando é estabelecido um laço afetivo entre o professor e o aluno, são gerados uma motivação e um desejo maior do aprender.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem; DIMENSTEIN, Gilberto. **Fomos maus alunos**. 8. ed. São Paulo: Papirus, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- WACHS, Manfredo Carlos. **O ministério da confirmação: contribuições para um método**. São Leopoldo: Sinodal, 1998. (Série Teses e Dissertações, 12).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.